

PORTO ALEGRE, 6 DE MARÇO DE 1881

REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

Anno I

ASSIGNATURA

Num. 5

PARA A CAPITAL: Trimestre 2\$500—PARA FÓRA DA CAPITAL: Anno 10\$000

CONSEQUENCIAS DA ELEIÇÃO DIRECTA



Virgolino é um homem de quarenta annos, casado, sargento da reserva, e grande *pataqueiro* nas eleições a favor do partido que melhor o estimula...

E' doutrina sua que o homem, antes de ter filhos, tem barriga... doutrina que eu não consinto para não attrahir contra mim a sanha de políticos barrigudos... que os ha de todos os taboos e feitios.

Depois não posso negar que a barriga é uma criação da politica... que ahi reside como o Caco a sua corte...

Esgueiro-me, portanto, e continuo.

Virgolino vem da rua...

Entra em casa colerico, irri'ado.

Atira consigo para cima de uma cadeira, arremessa o catimplorio para cima de outra, crava o olhar sombrio na consorte que a um canto trata de pôr fundilhos novos em umas calças, e abala do peito um suspiro, ou antes, um rugido.

Ha suspiros assim.

Depois levanta-se, dá dois passeios pela sala, e volta a sentar-se e ruge outra vez.

A este segundo rugido interrompe Venturosa que está fazendo, e olha para o marido.

— Que tens? o que sentes? pergunta-lhe.

— O que tenho? o que tenho? troveja elle, e abala... um nó aqui!

E leva a mão á garganta.

Venturosa não atina com a causa daquelle nó e espera uma explicação.

Interroga com a vista o marido, cuja physionomia está de metter medo.

Mas debalde espera, debalde interroga...

Virgolino tem-se levantado e passeia, ou antes cambaleia pela sala, suffocado.

Vendo que nada obtem, Venturosa lembra-se que o marido pode estar com um ataque de lombrigas, e offerece-lhe um chá de hortelã...

Virgolino olha para ella.

— Hortelã!... troou elle; e para que quero eu cha de hortelã? não me dirás?

— A hortelã é um porrete para .. para isso... responde Venturosa meio aterrada pela catadura do marido.

— Para isso! que diabo é isso *disso*?

— E' bom para lombrigas... sim...

— Hein? que estás tu ahi a dizer de lombrigas? hein?

— Pois essa bola... porque é uma bola que te sobe...

— Que bola? que bola? o que vem a ser isso de bola? Eu te disse que tinha alguma bola? diz Virgolino cada vez mais roxo de colera.

— Está bom, está bom, não te zangues... responde Venturosa, e continuou a ajustar os fundilhos.

Virgolino passeia... digo cambaleia.

A respiração nelle é cada vez mais penosa, é um estertor.

De repente pára diante da mulher e diz:

— Olha-me bem... olha bem para mim... Não adivinhas... o que eu... sinto? Ah!

— Eu sei, Virgolino? Pensei que fossem... lombrigas...

— Antes fossem! Ah! isto é horrivel!... Eu... eu arrebento! eu...

E cai redondamente no chão.

— Soccorro! soccorro! grita desesperadamente Venturosa.

Corre á janella, grita que aacudão, que o seu

Virgolino morre, que está morrendo, que morreu !

Aos gritos da misera, acode o taverneiro da esquina, duas pretas minas do porão fronteiro, a vizinha do lado com cinco ou seis crianças, enche-se a casa enfim.

Virgolino acha-se estirado sobre o pavimento, está morto, parece-o.

— Agua ! um pouco d'agua pela cabeça ! depressa ! rita o taverneiro.

A pobre Venturosa corre para dentro e volta com um cangirão a transbordar.

Não espera que lh'o ordenem, e derrama todo o conteúdo por sobre o marido que parece estar agora dentro d'uma banheira.

Entretanto o desgraçado não se meche.

— Ai meu rico maridinho !

— Um medico ! é preciso chamar um medico ! diz a vizinha.

— Médica... pericissa medica, diz uma das pretas.

— Pericissa, repete a outra.

— Corre, meu filho, vai chamar o doutor... anda... diz-lhe que o visinho .. que a vizinha...

Entretanto Venturosa não cessa com os seus ais sempre seguidos do *meu rico maridinho*.

Os pequenos da vizinha abrem as guelmas tambem; a mãe corre de um a outro para consolal-os.

— Isto não ha de ser nada ! diz de quando em quando o taverneiro, procurando á força de dedos abrir um olho do morto.

Venturosa julga ver nisto uma profanação e pede-lhe por entre ais que não abra o olho do marido.

Uma das pretas tem sahido, e volta com um abano.

— *Péra... péra...* diz ella chegando-se a Virgolino e abanando-o com todas as suas forças.

A outra sai tambem e volta com o seu abano e põe-se a abanal-o pela barriga...

— Bem lembrado ! bem lembrado ! diz o taverneiro.

— Será bom desabotoar-lhe as calças... diz a vizinha do lado; vizinha Venturosa .. desabotee a senhora... é seu marido ! não faz mal !... eu não devo... não acha, seu José ? Va, vizinha...

Venturosa ajoelha e põe-se a desabotoar as calças do marido.

A vizinha volta a cara aconselhada pelo pudor.

Nesta occasião entra o medico.

Ordena logo que condução para a cama o doente, o que executão o taverneiro e as duas pretas.

Ahi collocado, sangra-o nos braços... o sangue começa a correr, primeiro lentamente, depois mais livre...

Virgolino abre os olhos.

— Onde estou ? pergunta com voz fraca.

Venturosa solta um grito e quer lançar-se sobre a barriga do marido.

— Vivo o meu Virgolino ! vivo ! grita a pobre no excesso de sua alegria.

O medico impõe-lhe silencio, e manda que condução d'ali, assim como affastem-se tocos menos o taverneiro.

— Onde estou ? inquire de novo o doente.

— Na sua casa, diz o medico.

Virgolino rola olhos espantados pelo aposento.

— Tenho a cabeça pesada... diz

— Foi uma congestão cerebral... o senhal escapou de morrer, torna o doutor, mas agora está livre...

— Uma congestão ! repete o enfermo.

— Agoniou-se por alguma cousa, e o sangue subio-lhe á cabeça...

— Agoniei-me ! Ah ! sim, agoniei-me e bastante ! sim, agora me me lembro... Ah !

E solta um suspiro que é a expressão de todas as maguas.

— Porque suspirará elle, diz consigo o taverneiro, e accrescentou alto :

— Visinho fizerão-lhe alguma cousa ? agguvou-o alguém ?

— Matarão-me ! respondeu elle.

E suspira.

— Que diabo de historia é esta ? pensa o taverneiro.

O doutor limita-se a observar a physionomia do enfermo.

— Lei iniqua ! monologa este. A mim sargento da reserva !... antigo votante !... privo-me do voto !... Ah !

O taverneiro olha para o doutor; este levanta o dedo á boca.

O doente continúa :

— Falta de renda !... E por isso... tirão a unica renda que eu tinha !... o meu voto Ah !

— Não se agonie por isso... intervem o medico; muita gente agora perde o direito de votar...

— Mas eu ! eu ! doutor ! um votante velho

— Votantes velhos ficão fora tambem...

— Um sargento da reserva !...

— Até tenentes...

— Ah! suspira o enfermo e deixa cahir o queixo sobre o peito : adormecera.

O medico retira-se, recommendando silencio. O laverneiro chama Venturosa, dá-lhe as instrucções do doutor e vai-se para casa.

A vizinha do lado raspa-se, depois de declarar que estaria sempre prompta... para qualquer cousa.

As pretas engrolão igual offerecimento e vão-se.

Venturosa fica só á cabeceira do seu rico marido, o qual em poucos dias recupera a saude.

Hoje, se lhe perguntão a que partido pertence, responde que mandou a politica a favas, que não quer saber de partidos.

Queimou a farda e a barretina de sargento da guarda nacional, fez em migalhas o sabre e a espingarda, e lamenta o tempo que desperdiçou em fazer tudo bem limpo.

— Não mudo de nacionalidade, diz elle, porque temo o juizo da posteridade.

Porto Alegre—1881.

M.

O PEJO INNOCENTE

Isaura corria
Sosinha o pomar,
Da fossos, os regos
Ligeira a saltar.

A fructa pondia
Doutada a matar :
Isaura te pava
E va logo voltar.

Depois, mais avante,
Suavo cantar
O ninho escondido
Lhe vinha mostrar.

Então incendida
De afflicto ancisar,
E oscura, subindo
O ninho alcançar.

O galho franzino
Partio-se e cahio,
E o rosto de Isaura
De leve ferio.

As lagrimas brotão,
Vão breve saltar...
E' quando Juquinha
A vem consolar.

Juquinha era o noivo
Que ouvira no lar,
Nas longas palestras
A mãe lhe almejar.

Então — esgarlate
Suspenso o chorar,
Isaura, *trombuda*,
— Sai, tolo, — ao gritar,

Dispara ligeira
Fugindo ao pomar.
Ao seio materno
O seu a arfar,

Foi logo, cançada
Estreita ligar,
E o rosto, de pejo
No collo occultar.

A.

Porto Alegre, Marco de 1881.

PALESTRA

Pedro : — *Concordar* contigo? Quem o pode deixar de fazer, depois do aranzel que ahí proferriste em forma de discurso?

O que ha unicamente de admiravel é a extravagancia de mostrar-se uma fazenda justamente pelo avesso, tendo todo o cuidado em occultar o estampado da parte contraria.

De sorte que o principio verdadeiro e mathematico da questão é embebido por umas razões secundarias de imaginarios perigos, que, se reaes fossem, nem por isso erão bastantes para fazer esquecer o soffrimento de milhares de homens que, ou hão de sujeitar-se ao martyrio, ou caro, muito caro lhes custará a liberdade, lançando mão de meios estigmatizados pelos *livres* filhos deste *livre* paiz.

Ahí nessa questão nem sequer pode predominar o numero, pois cada um proprietario pode ser contado por tres escravos, pelo menos.

Então como se attende a interesses pecunia-rios de certo numero de individuos, desattendendo ao desespero e á oppressão de outros que são em numero muito mais avultado?

O que é, que ahí, patentemente se observa? E' a civilisação, presumindo achar-se em toda a sua plenitude, e admittindo ainda o predomínio da força sobre o direito.

O que é a absoluta posse de um homem em relação a outro homem, senão um absoluto absurdo?

Além disso as *desgraças* occasionadas pela abolição assemelhão-se a emplastro sem proveito, posto em uma ferida que não *convem* ser curada.

O que se operaria, com certeza, era o esbravejamento dos possuidores e a natural evolução que sempre se dá em taes casos.

Porque afinal de contas essa gente libertada teria necessidades, como todos temos, e procuraria o trabalho afim de que não lhe faltasse o sustento.

Os proprietarios na falta de pessoal para o trabalho de seu ramo de negocio, necessariamente preferirião aceitar-os a deixar o seu commercio paralisado; e assim, de parte um ou outro incidente, tudo se acomodaria, é claro.

Isto de escravatura é uma cousa burlada em tudo e por tudo; supponhamos mesmo que a compra de escravos é muito rasoavel, está em perfeita harmonia com a boa razão;

Que o dono de um outro homem tem todo o direito de crucificar, matar e esquartejar;

E que tudo isto é visto com bons olhos por toda a humanidade. Ainda assim presenciará a maior irregularidade nos direitos de cada um, conforme seus haveres e sua posição

Se verá a pobre viuva possuidora de um escravo, que aliás gosa ás vezes de inteira liberdade, dando la quando Deus quer um minguado jornal, forçada a libertal-o de qualquer forma, pela mais insignificante quantia, com a promessa de que mais tarde será indemnizada do todo; porque um rabula, a quem ninguem se confia, na falta de trabalho, foi especular e arranjar uns cobres com esse escravo, requerendo-lhe liberdade e encontrando juizes muito promptos em dizer: — a lei determina.

Isto nunca nos serviria de base a não ser o respeito em que são tidas outras pessoas de gravata branca.

Ao passo que o grito lastimoso das verdadeiras victimas barbaramente fustigadas com o azoragade é abafado pelo tinir das moedas que *piadoso* senhor, muito a sangue frio, faz passar pelos dedos, assistindo á execução de suas ordens

Para esses a lei nada determina; assim exigisse o *argentario* ou figurão e talvez não faltassem rabulas para advogar-lhe a vontade, tendo por cartilha da lei o chicote e por tribunal o corpo da victima.

Os jornaes que denunciem, muito embora, os palradores que declamem, mas ninguem se resolverá a bolir com o personagem — *que têm com que*.

Uma das principaes folhas da capital, não ha muito, narrava um facto repugnante dado em uma cidade proxima com um pobre rapazinho escravo, que havia fugido.

E não disse tudo.

Contou que tinha sido posto em ferros ali no centro da cidade, mas não disse que depois de estar de machos aos pés, o tal senhor atravessou as ruas tocando-o de relho afim de o fazer acompanhar a marcha do cavallo.

Tal denuncia deu algum resultado?

Nenhum: que elle lá vive, bem tranquillamente, no seu retiro.

E é voz publica que esse mesmo sujeito, ha tempos, matara um escravo no *palanque*.

Estes factos não vem isolados, reproduzem-se diariamente, no centro das cidades como fora dellas.

E a tudo isto se antepõem apenas interesses suppostos receios, como se taes cousas em dem natural podessem estar acima do so continuo desses miseros viventes.

Emfim direi só que se poderia avolumar muitos livros só com exemplos barbaros do pagamento por que passão esses homens esquecidos todos.

As cousas se achão, como as aguas de la mansa, á vista dos *muitos* e ja tão alegados beneficios que essas pobres creaturas tem recebem mas ninguem va tocar-lhe no fundo, porquelo vido á flor d'agua, extinguirá todas as espumasinhas que lhe floreião as bordas.

Aos oportunistas bem se pode dizer uma cousa muito verdadeira, que é:

Quando nas longas noites de inverno os arceiros batem pelas vidraças, o vento sibilla pelas fendas das portas, e a onda nas margens que se com fragor, tudo isso escutado de longe quem se acha em macio leito, e bem conchegado ás coberturas, faz até um bom dormir, e tambem faz esquecer que ha quem ande cosido ás paredes e tiritando de frio sem um tecto que o abrigue.

Mas o que realmente pasma neste assumpto que talentos superiores sempre promptos a correr para o ganho de uma causa justa tenham no curso desta questão apparecido de uma mania tibia, nem sequer estabelecendo argumentos ramente seus, mas auxiliando-se á alheias opiniões para deslocarem a justiça em abono de pagueiros interesses; e desta forma illudindo a disposição dos espiritos menos esclarecidos quem devião ser os primeiros a conduzir por o cil caminho.

SILVA DE ALBUQUERQUE.

Porto Alegre — 1881.

PAGINA SECRETA

Ella estava deitada sobre o leito...
E a luz da lamparina de chrystal
Derramava um clarão broxuleante
Sobre seu corpo lindo e divinal.

Uma camisa fina, de cambraia,
Mal velava-lhe o seio alabastrino;

No seu rosto gentil se destacava
O coral de seus labios — purpurino !

Sob a meia de seda — cor de rosa
Um pésinho mimoso se agitava;
— No mar azul dos lubricos desejos
A barquinha dos sonhos deslisava.

Entrei. Depuz a capa gottejante
Sobre o sofá forrado de velludo :
La fora a ventania sibilava...
Mas na alcova onde a vi cessava tudo.

Como o ultimo adeus da despedida
Ou derradeiro olhar de um moribundo,
Da lamparina a luz morreu no vaso...
.....
Mas na treva o amor é mais profundo !...

TIMOTHEO DE FARIA.

Porto Alegre — 1881.

LUXIA

Não pode a flor vicejar
Nem ter no calice odor,
Sem ter os beijos do orvalho
Que lhe dê graça e frescor.

Igualo a flor resequida
No brilho do teu olhar;
Queimaste com teu desprezo
A quem sabia te amar !

Nem rompe o ninho a chrisalida
Sem a seiva da verdura,
Que dá côr e dá belleza
A tão fragil creatura !

Eu sou a humilde phalena
Que nunca pôde voar...
Nem me déstes um sorriso
Para a vida alimentar !

Do doce nectar da rosa
A abelha faz o seu mel;
Dos encantos da natura
O artista o seu painel !

Eu sou abelha sedenta,
Tu és da rosa o licor,
E transformaste no pollen...
Todo o fel de teu rigor !

Mesmo assim, no meu silencio,
Sem esperança, sem fé,
Irá minh'alma oscular
A pequenez do teu pé !...

ASCANIC.

Porto Alegre — 1881.

OS GEMIDOS DA HARPA



(DE ALPHONSE KARR)

— 0 —

Uma noite, o joven musico Rodolpho Arnheim e Bertha, a mais linda mulher de Mayença, encontravão-se sosinhos.

Rodolpho e Bertha es'avão compromettidos um com o outro, erão noivos.

Não obstante, ião separar-se no dia seguinte.

Rodolpho ia partir para uma provincia longinqua.

Durante dois annos devia receber lições de um habil maestro.

Depois, á sua volta, o pai de Bertha ceder-lhe-hia o seu emprego de mestre da capella e lhe daria sua filha.

— Bertha, disse Rodolpho, toquemos juntos mais uma vez esse romance de que gostas tanto. Quando estivermos separados, longe um do outro, á hora do crepusculo, em que o nosso pensamento esvoaça de melancolia em melancolia, tocaremos cada um a nossa parte e estaremos juntos assim.

Bertha tomou da harpa, Rodolpho acompanhou-a na flauta, e por varias vezes repetirão a aria favorita da moça.

Ao concluir, as lagrimas corrião-lhes pela face.

Abraçarão-se e Rodolpho partio.

Ambos forão fieis á promessa.

A' noite, á hora em que se havião visto pela ultima vez, Bertha ia buscar a harpa, Rodolpho a sua flauta, e tocavão ao mesmo tempo a musica predilecta.

Áquella hora, á Ave Maria, solemne e myste-

riosa, a alma concentra-se e dispõe-se invencivelmente para a melancolia.

Nos roseos vapores, que se elevão para o horizonte, parece que se vêm apparecer, vivas e animadas, todas as nossas recordações, todos os dias passados, uns risonhos e felizes, outros tristes, velados por um véo.

Áquella hora, o ultimo estremecimento do vento nas folhas parece modular as canções a que unimos um doce ou triste pensamento. A musica é a voz da alma.

Rodolpho detinha-se por momentos Parecia-lhe ouvir misturarem-se com os sons de sua flauta as vibrações da harpa de Bertha.

* * *

Dois annos se passarão.

Uma noite Bertha achava-se com seu pai no caramanchão do pequeno jardim.

O caramanchão era formado de cinco acacias, que misturavão em cima sua folhagem e seus ramos de flores brancas; por entre ellas, e por ellas perfumados, lilazes de um verde escuro fechavão os espaços vãos.

Tres ou quatro madresilvas subião em torno das acacias e deixavão pender suas largas grinaldas floridas.

Pela estreita entrada do caramanchão via-se uma nesga do horizonte em purpura produzida pelo sol poente.

Era á hora consagrada ás recordações.

Bertha tocou na harpa a sua aria favorita, mas parou de repente para escutar.

Tudo estava silencioso; apenas a brisa agitava brandamente a folhagem.

Bertha recommçou o romance e ouviu outra vez a flauta de Rodolpho acompanhando-a.

Era o seu noivo que regressava.

* * *

Dois annos depois Bertha e Rodolpho tinham uma encantadora menina, fructo querido que o pai de Bertha abençoara antes de morrer.

Rodolpho era mestre da capella e o seu ordenado chegava para o bem estar de sua pequena familia.

Rodolpho comprara uma linda casinha, onde havia um espesso bosquesinho de tilias.

As brancas paredes cobertas de trepadeiras deixão apenas ver as janellas.

Mas então a menina morreu e a pobre mãe, Bertha, seguiu-a alguns mezes depois.

Ao expirar disse a Rodolpho :

Em vão, meu amigo, quero subtrahir-me á morte por meio das minhas orações ! E' preciso que va reunir-me á nossa filhinha, que te abandone e va esperar-te em uma vida melhor. Se aos mortos é permittido voltar a este mundo, tu me verás ainda, meu Rodolpho; minha sombra ha de pairar em torno de ti, porque o meu céu é o lugar onde es'ás. Todos os annos, no anniversario do meu nascimento, feliz ou desgraçado, amado ou abandonado, triste ou alegre, á hora em que o sol cai no occaso, á hora em que as orações sobem até Deus, como o murmurio do campo á tarde e o perfume que exhalão as flores antes de fecharem o calice, tocarás essa aria, meu amigo, que durante tanto tempo suavizou em nós a saudade um do outro, unico consolo que te restará de uma separação bem longa. Essa musica será mais harmoniosa para minha alma do que os concertos dos anjos !

Depois abraçou-o e morreu.

* * *

Rodolpho quasi enlouqueceu.

Fizerão-no viajar algum tempo.

Quando voltou estava mais calmo, porém uma melancolia constante apoderou-se delle para sempre.

Encerrou-se em sua casa, sem querer sahir, nem receber ninguem.

Deixou o quarto de Bertha tal qual estava quando ella morreu : o leito desfeito e a harpa a um canto.

Quando chegou o dia do anniversario do nascimento de Bertha, Rodolpho vestio-se com a mel or roupa, o que jamais fizera depois da morte de sua esposa.

Encheu-lhe o quarto de flores; á tarde encerrou-se nelle e tocou na flauta o romance que tantas vezes havião tocado juntos.

No dia seguinte foi encontrado hirto e sem movimento.

Quando tornou a si estava novamente acommettido de loucura, e foi necessario fazel-o viajar de novo.

Depois de um anno regressou melhor, mas sempre triste e silencioso.

Ao voltar de novo o dia do anniversario natalicio de Bertha, Rodolpho preparou o quarto

della como no anno anterior, nelle encerrou-se vestido como no dia do seu casamento, encheu-o de flores as mais vigorosas, e, tomando a flauta, tocou a aria da predilecção de sua mulher.

No dia seguinte encontrarão-no outra vez sem sentidos.

Quando o quizerão tirar d'ali, declarou que se o não deixassem ficar na casa em que morrera sua esposa, matar-se-hia.

Cederão porque a sua razão parecia alterar-se sensivelmente.

Eis, entretanto, o que lhe havia succedido:

No primeiro anniversario, desde que principiou a tocar, as cordas da harpa vibrarão sossinhas, acompanhando a flauta.

Se parava, os sons da harpa por sua vez tambem cessavão.

No segundo anniversario, suppondo ter sido joguete de uma illusão, tornou a tocar e as cordas da harpa vibrarão outra vez.

Parava e os sons da harpa emudecião.

Poz as mãos sobre as cordas e sentio as ultimas vibrações.

De ambas as vezes cahira aterrorisado e o resto da noite passara-a desmaiado.

Acostumou-se, porém, áquella emoção e a não encontrar nella mais do que uma especie de prazer.

Passava as tardes e as noites ali.

Os olhos brilhavão-lhe com um esplendor sobrenatural; não tinha mais vida que a precisa para sentir e soffrer.

Um amigo, que se tinha conservado constante e acompanhava-o em sua desgraça, quiz saber porque Rodolpho se mettia no quarto.

Elle disse-lhe que tocava flauta e que a sombra de Bertha o acompanhava; que a morte era realmente o principio de outra vida; que, á medida que se sentia morrer, parecia-lhe viver mais intimamente com sua mulher, a quem tanto havia amado; que enquanto durava aquella mysteriosa harmonia, que ouvia todas as noites, via Bertha sentada com sua harpa; que então julgava-se feliz, nada mais desejando, nem pedindo a Deus e aos homens.

* * *

Era no dia do terceiro anniversario do nascimento de Bertha, e Rodolpho tornou a ornar-lhe o quarto de flores.

Depois, á hora do crepusculo, tomou a flauta e começou a tocar a aria predilecta.

O amigo escondera-se atraz de uma cortina e estremeceu ao ouvir os sons da harpa misturar-se com os da flauta.

Rodolpho ajoelhou-se e orou.

A harpa então continuou só.

Vião-se as cordas vibrar sem que mão alguma as tocasse.

Ouvio-se uma musica celeste e que jamais se poderia ouvir.

Em seguida tornou a tocar a melodia de Bertha.

Quando terminou todas as cordas arrebrandão-se de repente e Rodolpho cahio.

O amigo ficou por algum tempo immovel.

Depois, quando quiz levantá-lo, estava morto.

BALLADA

A flor vivia indolente,
Morta de amor pelo rio,
E o rio da flor ardente
Aos pés borbuhava frio.

A flor do rio no espelho
Revendo a sua tristeza,
Dava do calix vermelho
O pollen á correnteza.

Mas o rio á flor sensível
Mostrava a face gelada;
O rio sempre impassível
E sempre a flor resignada.

Uma tarde, a flor pendida
Tombou na corrente forte;
A flor ao rio dera a vida
E o rio á flor dera a morte.

RAYMUNDO CORRÊA.

PENSAMENTO

— 0 —

(No album do engenheiro americano Charles Brisbin)

Dois são os poderosos elementos das evoluções humanas na tragedia da vida: a — Mulher — e a — Imprensa —.

A Mulher é a existencia toda do homem, o santuario do amor, a brandura e a sensibilidade consubstanciadas.

A Imprensa é a resultante do recontro das faculdades, o motor gigantesco da civilisação dos povos, a atalaia das liberdades publicas.

A Mulher, educando a infantilidade no lar, estabelece os fundamentos solidos da moralidade na familia, estreita os elos que a prendem aos filhos, forma os verdadeiros cidadãos e fixa na sua frente a coroa triumphal que eleva-a até Deus.

A Imprensa, instruindo a juventude e illustrando a senilidade, rompe as brumas da ignorancia, quebra a trave do indifferentismo, illumina a estrada da honra e do dever, proclama as virtudes, profliga os vicios e condemna os crimes das sociedades.

Ambas produzem revolta contra o germen do mal; ambas têm sagrados deveres a cumprir; ambas trabalham pela grandeza da Patria; ambas marchão para o marco sublime a que as gerações successivas aneirão chegar: — a perfectibilidade.

Ambas são irmãs na idéa; irmãs são tambem na acção: — uma, porém, actua directamente sobre os individuos, a outra sobre a humanidade.

Dr. G. THAUMATURGO DE AZEVEDO.



NA CACHOEIRA



Ja deslisa nas aguas mansamente
A igára gentil de forma airosa,
A cabocla indolente, donairoza,
Se reclina faceira, docemente.

E aos poucos, bem lenta, brandamente,
Vai a igára boiando cautelosa
Por sobre a lymphá mansa, sonora,
Ao impulso carinhoso da corrente.

E com a vista eu seguia aquella imagem
Rediviva da magica *Iracema*,
Temendo que fugisse qual miragem.

Lembrei-me de Lindoya, de Moêma,
E um beijo que mandei na meiga aragem
Findou do meu amor o curto poema.

A. J.

EXPEDIENTE



SR. A. R. (Rio Grande). — Então? Não nos faz a honra da sua visita? Bem sabe quanto a prezamos.



SR. A. C. — Sabe de uma cousa? Estamos com desejos de levantar a ponta do véo que envolve o seu sympathico nome. Como não ser assim se depois da linda poesia *O tisico*, apresentamos a... — *Mimosa* devia ser o titulo, porque um mimo é que ella é.



SR. S. V. (Rio Grande). — Das duas poesias que remetteu-nos, uma ja foi por nós publicada com o seu pseudonymo e a outra tambem ja appareceu na imprensa periodica da capital. Mande-nos outras, que muito folgamos com a sua cooperação.



„GAZETA DE CAMPINAS“. — Temos com regularidade recebido este excellente jornal, de que é redactor-proprietario um rio-grandense distincto, um amigo de infancia, um dos mais brilhantes paladinos na arena das letras — Carlos Ferreira.

Agradecendo as lisongeiras palavras com que no numero de 24 do passado noticiou o apparecimento da „Revista“, estamos persuadidos de que devemo-las mais á bondade do que á justiça do companheiro querido.



O „CACHOEIRANO“. — Da cidade do Cachoeiro de Itapemirim, provincia do Espirito Santo, recebemos alguns numeros de um periodico com o titulo acima.

Lemol os com prazer, e de bom grado aceitamos a permuta.



Recebemos mais:

O *Conservador*, *Telephone*, *Labaro* e *Typographo*, da capital.

A *Descentralisação*, da Cruz-Alta.

A *Discussão* de Pelotas.

O *Taquaryense*, de Taquary.



Toda a correspondencia da *Revista* deve ser dirigida ao escriptorio do *Jornal do Commercio*.